

V Á R I A

32.^a Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos Julho-Agosto — 1983

Em 29 de Julho abalei do Porto às 8 horas. Cheguei a Carvalhelhos à meia tarde.

No dia seguinte procurei em Bêça e na aldeia de Carvalhelhos contratar pessoal jornaleiro para trabalhar no castro duas semanas.

Não consegui arranjar nem homens nem mulheres.

No dia 31 de Julho, domingo, consegui apalavrar dois rapazes com que se iniciaram os trabalhos na segunda-feira 1 de Agosto.

Na campanha deste ano, a 32.^a, estava programado acabar o desentulhamento do 3.^o fosso, ou fosso externo da muralha.

Há dois anos este fosso ficou em meio desentulhar por se ter avariado a máquina escavadora, que por conta da Empresa das Águas de Carvalhelhos, naquele ano trabalhou no desentulhamento dos três fossos da cumieira.

A Empresa que se propõe subsidiar o trabalho da máquina para terminar a limpeza do troço que há dois anos não se pôde rematar, nem o ano pasado nem este ano de 1983 conseguiu máquina escavadora.

Lamenta-se que tal tenha sucedido porquanto com um dia a dia e meio de trabalho da máquina o último troço daquele terceiro fosso ficaria desentulhado.

Prosseguiu-se na escavação do 1.^o fosso na encosta do lado poente rente à segunda muralha, trabalho que foi iniciado o ano passado (Figs. 1 e 2).

Dado o volume do entulho que enchia o fosso, o pouco pessoal que o ano passado consegui, o facto de o entulho, terra e pedras, ter de ser levado em carrinho de mão (*carreta* lhe chamam em Carvalhelhos), por ali não poder trabalhar o «dumper» e ainda por serviços de limpeza que todos os anos têm de ser feitos, não se conseguiu então atingir a rocha do fundo do fosso.

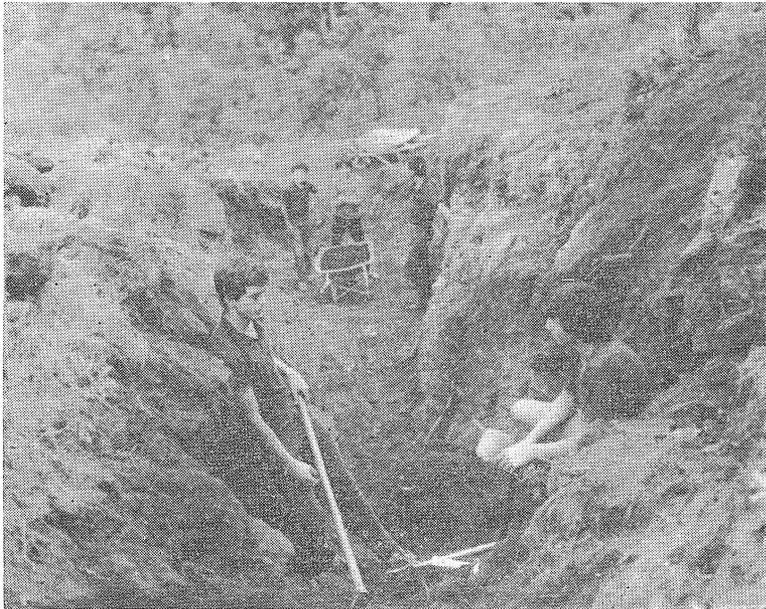


Fig. 1 — Na escavação do 1.º fosso que corre ao lado da 2.ª muralha o entulho tem de ser levado em carrinho de mão.

Além do prosseguimento do desentulhar do 1.º fosso rente da 2.ª muralha, no programa de trabalhos deste ano figurava também escavar um troço do fosso incipiente da encosta do nascente, regueirão pouco fundo, levemente arqueado e sensivelmente paralelo ao 2.º e profundo fosso da encosta do nascente, desentulhado há anos e com funduras de 5 a 7 m.

Houve que se cortar o mato forte e espesso, especialmente de carqueja, que tapava a ponta norte do terreiro, que na

cumieira bordeja o terceiro fosso, terreiro que num comprimento de 25 a 30 m de comprimento por cerca de 10 de largura ainda conserva algumas porções de pedras fincadas.



Fig. 2 — Outro aspecto da escavação do 1.º fosso paralelo à 2.ª muralha que se vê no alto à esquerda.

A ponta norte do terreiro desafogada dos tufos espessos de carqueja tem uns 15 m quadrados de pedras fincadas bem conservadas, isto é, em arranjo primitivo com poucas pedras arrancadas e muito poucas mexidas (Fig. 6).

No desentulhamento do fosso n.º 1, rente à segunda muralha começamos os trabalhos no sítio onde o ano passado se tinham escavado alguns metros cúbicos de terra e pedras sem no entanto se ter atingido a rocha firme ao fundo do fosso.

Logo no início teve que se arrear uma grande pedra de xisto semi-enterrada e apoiada em pedras pequenas.

Aquela pedra, que não deve ter feito parte do paramento da muralha, tinha 91 cm de comprimento, 57 de largura e 33 de grossura.

A cerca de 3 m do ponto onde se iniciaram os trabalhos apareceu, assente na rocha viva do fundo do fosso, uma outra pedra, também de xisto, mas irregular, com uma aresta de 50 cm, que também não deve ter pertencido a nenhum dos paramentos da muralha, nem talvez do seu enchimento.

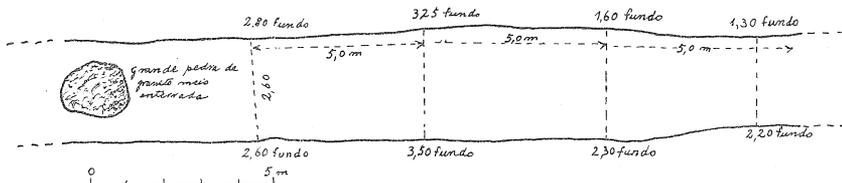


Fig. 3 — Esquema da porção da 1.º fosso ou fosso n.º 1.

Aquela muralha, o que aliás, é a norma nas muralhas dos castros, é formada por dois paramentos com enchimento intercalar de pedras relativamente pequenas.

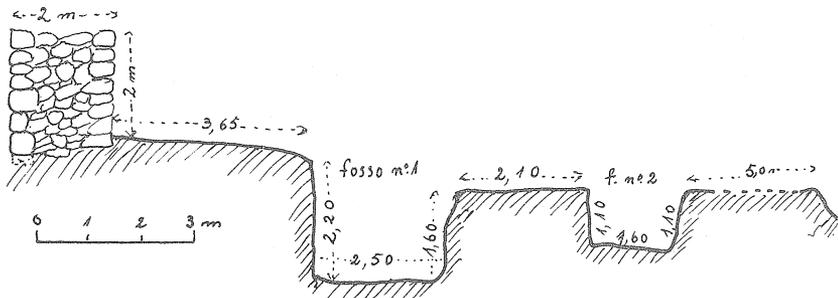


Fig. 4 — Esquema das escavações das fossos da vertente do lado puente.

No desentulhamento daquele fosso n.º 1 verificou-se que o seu enchimento era terra negra e pedras.

A 9 m do ponto onde se começou a desentulhar deparou-se com um veio de terra saibrenta, alta de 1,50 m e largura de 1 m.

Especialmente entre 1 e 1,50 m de fundura apareceram muitas pedras dos paramentos da muralha, a maior parte de

granito apicotadas numa face. Mas também apareceram destas pedras de granito a 2 m de fundura.

Num dos dias de desentulhamento do fosso, num espaço de 3 m de comprimento por cerca de 1 a 1,50 m de fundura apareceram caoticamente amontoadas 48 pedras típicas dos paramentos da muralha. Foram arrumadas junto da muralha (Fig. 5) para oportunamente serem repostas no alteamento dos respectivos paramentos.



Fig. 5 — Pedras as mais delas de granito, que faziam parte do entulho do 1.º fosso, arrumadas na base da 2.ª muralha.

A todo o comprimento da porção escavada sempre foram aparecendo pedras dos paramentos da muralha, umas de xisto e a maioria de granito com uma face apicotada.

Devem ser mais de 300 destas pedras que ficaram encostadas à base da face externa da muralha.

Na primeira oportunidade terá um pedreiro de repor aquelas muitas pedras na porção da muralha correspondente à zona

do fosso de onde foram desenterradas, fixando a última fiada por discreta chapada de cimento.

Foi assim que fiz a todo o comprimento das fiadas cimeiras dos paramentos interno e externo das muralhas do reduto castrejo e da 2.^a muralha, que foram reconstruídas com pedras delas caídas e desenterradas do entulho, que ficaram a marcar o alinhamento das mesmas. Isto para evitar que por qualquer outra circunstância pudessem tirar pedras da muralha.

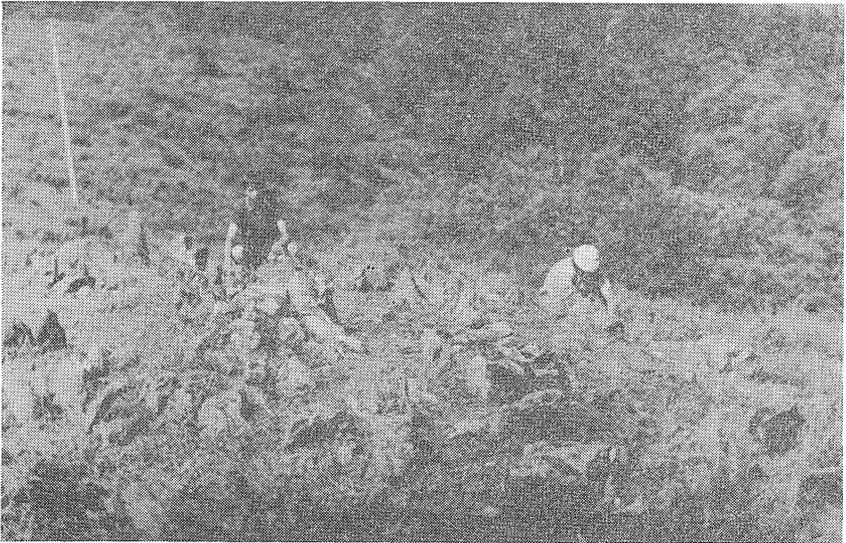


Fig. 6 — Grupo de pedras fincadas do topo norte do terreiro da cumieira.

No entanto são muitas as manchas de cimento que se patenteiam por terem sido arrancadas pedras das fiadas cimeiras, martelando-as, pois a pulso não é possível despegá-las do cimento subjacente.

O mato que de um ano para o outro cresce viçoso é ali formado por carqueja — *Genista tridentata* Samp.; urze — *Erica umbelata* Lin., a que também chamam queiroga; urzeira ou urze torgueirinha — *Erica cinerea* Lin. cuja raiz lenhosa e muito desenvolvida é o torgo; a margaça — *Halimium scabrosum*

Samp. conhecida também pelo nome de margaça branca; silvas — *Rubus* esp?; e por outras plantas rasteiras, especialmente gramíneas.

Como referimos no relatório de 1981 todos os anos o mato tinha que ser cortado ou arrancado à enxada e à picareta e cortado à tesoura de poda entre as pedras fincadas.

O ano passado num primeiro ensaio de ataque ao mato resolvi pulverisá-lo com o arbusticida Mouticida.

Comprei duas latas deste arbusticida que, convenientemente diluído em água, foi aplicado por atomizador cedido pela Empresa das Águas de Carvalhelhos.

Verificou-se que muitas plantas a breve trecho começaram a murchar e terminaram por secar.

Como a aplicação do arbusticida em 1982 resultou eficiente isto animou-me a, neste ano de 1983, fazer nova e mais ampla pulverização, pelo que este ano comprei 4 latas de litro de Mouticida.

A Empresa das Águas de Carvalhelhos transportou para o castro 4 grandes bidões com água, forneceu o atomizador e cedeu um empregado para fazer a pulverização que acompanhei de perto, porquanto o Mouticida é um veneno e com o seu manuseamento todos os cuidados são poucos (Fig. 7).

A aplicação fez-se em dois dias. No primeiro dia teve de se suspender a pulverização à meia tarde, por ter começado a chover.

No segundo dia, com tempo de sol, ameno, sem vento, a aplicação pôde fazer-se com plena eficiência.

Pulverizou-se o mato nos combros de separação dos vários fossos e entre as pedras fincadas não só do terreiro que bordejia o terceiro fosso como também as do ouriçado das fincadas nos combros ou cristas de separação dos dois fossos da encosta do lado poente pendente sobre a Ribeira.

Também foi pulverizado o mato do reduto cimeiro especialmente ao correr da face interna da muralha.

Espera-se que as plantas secando deixam de florir e, portanto, de dar sementes, o que evita a propagação das plantas de ano para ano.

É de crer que só de 4 em 4 ou mesmo de 5 em 5 anos bastará fazer pulverização ligeira para manter o castro sempre limpo de mato.

Como já se disse em relatórios anteriores no lado sudeste da encosta voltada a nascente há um regueirão que começa no fundo da ladeira junto de algumas pedras que parece formarem portelo de entrada.



Fig. 7 — Bidões com água para diluição do arbusticida.

É ligeiramente arqueado, tem de comprimento cerca de 50 m terminando em cima em rampa suave a morrer na superfície da ladeira. Tem de boca 3 a 4 m de largura, e de fundura, em média, uns 80 cm, medidas aliás difíceis de tirar com rigor. Quase no alto do regueirão estava uma pedra grande que não desloquei e a todo o seu comprimento havia pedras pequenas e algumas miudas.

Sensivelmente a meio do seu comprimento abriu-se uma vala exploradora com 6 m de comprimento por 2 de largura.

Verificou-se que a uma camada superficial de cor castanho-amarelada se seguia terra negra com 1 m de espessura, assente no salão saibrento.

Considerando a camada superficial, castanho-amarelada, de formação erosiva recente, e a terra negra, com poucas e pequenas pedras à mistura, como terra vegetal, poderá concluir-se que aquele regueirão, fosso incipiente, não foi deliberadamente entulhado, aliás a sua pequena funduda não o impunha.

De qualquer modo é embaraçosa a interpretação daquele regueirão ou fosso incipiente.

Teria sido feito pelos castrejos no propósito de reforçar com mais um fosso as condições de defesa do castro?

Se tal propósito existiu pode perguntar-se.

Porquê deixar o fosso com tão pouca fundura?

Julga-se que aquele regueirão não tenha sido feito por outrem senão pelos castrejos.

De qualquer modo a interpretação daquele regueirão, fosso incipiente, afigura-se-nos embaraçosa.

Embora a atribuição mais provável é que tenha sido obra dos castrejos, pode talvez contrapôr-se: mais um fosso não seria elemento de muito peso a juntar às notáveis condições de defesa do castro, formadas por pedras fincadas, três fossos e duas muralhas. Embora mais um fosso não deixasse de ser tomado em consideração na estratégia defensiva do castro, afigura-se-nos que tal fosso em pouco reforçaria as já notáveis condições de defesa do castro.

CONCLUSÕES

Na campanha de 1983, a 32.^a em que há 32 anos consecutivos ali trabalhamos, não se pôde acabar o desentulhamento do 3.º fosso que há dois anos teve de se suspender por avaria da máquina escavadora. E não se pôde acabar por a Empresa das Águas de Carvalhelhos não ter conseguido contratar máquina escavadora. É serviço que terá de ser feito na primeira oportunidade.

Fez-se nova e mais ampla aplicação do arbusticida Mou-ticida, ensaiado o ano passado. Espera-se que as plantas pulverizadas secarão, como aliás sucedeu em 1982. Deste modo não tornarão a florir e a dar sementes. Assim deixará de haver sementeira espontânea e propagação das plantas de um a outro ano.

É de crer que, para depois manter o castro limpo de mato, bastará uma ligeira pulverização de arbusticida de anos a anos, talvez de 4 em 4 anos ou mesmo de 5 em 5.

No desentulhamento do fosso n.º 1 na encosta do lado poente, que segue junto da 2.ª muralha, continuaram a aparecer muitas pedras dos paramentos da muralha, muitas das quais de granito com face apicotada. Nos 15 m de comprimento deste fosso escavados este ano, com cerca de 3 m de largura e 2,5 a 3 m de fundura arrancaram-se mais de 300 pedras que foram derruidas dos paramentos da muralha.

Isto prova, o que aliás já tinha sido verificado nos dois fossos do lado nascente e nos três da cimeira, que os fossos foram intencionalmente entulhados, e destes o 1.º com pedras derrubadas da muralha. Deste modo se eliminaram concomitantemente duas linhas de defesa, um fosso e a muralha, sem dúvida elementos de grande valor na estratégia defensiva do castro.

Na primeira oportunidade haverá que repôr na muralha as pedras desenterradas do fosso n.º 1, que, sem a menor dúvida, foram derrubadas dos paramentos da mesma.

Haverá que contratar um pedreiro para altear a muralha e fixar a última fiada com discreta chapada de cimento.

Quanto ao regueirão ou fosso incipiente continua embaraçosa a sua interpretação como se dá conta no texto.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
30 de Dezembro de 1983

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Prof. jub. de Antropologia e Sociologia da F. C. U. P.
Presidente da Soc. Portug. de Antropologia e Etnologia

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.